
O Saber Gay Como Possibilidade Crítica Da Abordagem Da Sexualidade pelos Meios De Comunicação

Regiane Lorenzetti Collares¹
Luis Celestino da França Júnior²
Guilherme Macedo Silva³
Alan Clyverton da Silva⁴

Resumo

Algumas análises e posicionamentos do pensador francês Michel Foucault em relação à sexualidade foram feitos de forma mais direta e explícita em entrevistas concedidas a revistas, rádios e televisão, procurando alcançar uma forma mais eficiente não apenas de encontrar um público maior, como de enunciar os problemas que o atravessaram enquanto filósofo engajado, que também era gay, que sofreu na pele a incidência de discursos que o categorizavam e enclausuravam em uma tipologia de sexualidade. Ao modo de um cartógrafo, em uma entrevista intitulada *Saber Gay*, concedida em 1978, Foucault procura fazer um mapeamento, um dossiê das configurações de saberes e poderes que dizem respeito à sexualidade, utilizando de seus mapas não para espelhar um terreno, mas como um utensílio de enfrentamento de questões que eram caras, tais como disciplina dos corpos, gestão das vidas e controle dos comportamentos sexuais. O pensador francês nos oferece nesta entrevista um poderoso recurso alternativo de tratar a causa gay. Sendo assim, nosso propósito ao revisitar esta entrevista é também poder traçar uma leitura concernente à captura histórico-política da homossexualidade pelos meios de comunicação, remontando as possíveis origens da intolerância que se deu às formas múltiplas de vivenciar os prazeres do sexo e como tais prazeres foram incorporados em estruturas de controle, articulados pela mídia na constituição da opinião pública.

Palavras-chave: Homossexualidade; Discurso; Poder; Controle

Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019

¹Professora Associada da Universidade Federal do Cariri – UFCA; e-mail: regiane.collares@ufca.edu.br

²Professor Adjunto da Universidade Federal do Cariri – UFCA; e-mail: luis.celestino@ufca.edu.br

³Graduando em Filosofia da Universidade Federal do Cariri – UFCA; e-mail: guedesguilherme996@gmail.com

⁴Graduando em Jornalismo da Universidade Federal do Cariri – UFCA; e-mail: alanclyverton@gmail.com

A entrevista intitulada “Saber Gay”, concedida pelo pensador francês Michel Foucault, em julho de 1978, compõe o projeto do jornalista Jean Le Bitoux de lançá-la no primeiro número da revista *Gai Pied*, produção com tiragem mensal voltada para o público gay, em uma época em que muitas publicações de caráter homoerótico foram censuradas na França. Esta entrevista apareceu inicialmente com tradução holandesa uma década após ser concedida, em 1988, publicada por Bitoux na revista *Mec Magazine* e depois, finalmente, publicada na França em 1996, na revista *La revue h*. O mote da entrevista *Saber gay* foi a suposta incompreensão da obra *História da Sexualidade*, uma pesquisa iniciada pelo pensador no começo dos anos 70, tendo seu primeiro volume, “A vontade de saber”, publicado em 1976. Em seu estudo histórico da sexualidade, que se estabelece tanto uma espécie de antropologia como uma análise do discurso, Foucault sustenta a ideia principal de que a sexualidade não teria sido reprimida, sua hipótese, ao contrário disso, é de que os discursos sobre o sexo foram intensificados e incitados sobretudo a partir do século XIX, sendo utilizados como estratégias de controle dos indivíduos e das populações.

O tensionamento desta entrevista é de que certos militantes homossexuais após lerem o livro de Foucault passaram a acusá-lo de um abandono da luta em torno da causa gay. A posição de Foucault é de negar qualquer abandono, reconhecendo que a luta sempre foi importante politicamente para este segmento; seja contra a moral vigente, contra as legislações ou contra uma jurisprudência, o problemático, a seu ver, se daria no aprisionamento dos sujeitos a partir das categorias da sexualidade, como por exemplo, alguém gay ter que seguir todo um repertório discursivo e comportamental encerrados na noção de homossexualidade. Vejamos suas considerações acerca desta questão:

Que essa categoria de homossexualidade tenha sido retomada nas lutas que tiveram lugar, a partir do século XIX, contra certa forma de moral, contra uma legislação, contra uma jurisprudência, é incontornável (...) Logo, quando mostro o caráter histórico dessa noção de homossexualidade, não é para dizer que vocês se enganaram ao lutar contra ela. Digo, ao contrário, que era mesmo preciso lutar, porque essa noção era a captura histórico-política que se tentou estabelecer quanto a uma forma de experiência, uma forma de relação, uma forma de prazer que se queria excluir. (FOUCAULT, 2015, p.3)

No entanto, mesmo reconhecendo a importância das lutas pelos direitos da homossexualidade, o pensador adverte ser necessário ainda dar “um salto para trás”, o

que significa sobremaneira se dispor a ver a situação em escala mais ampla a partir das seguintes inquietações:

no fundo, o que é essa noção de sexualidade? Porque, se ela nos permitiu lutar, também carrega consigo certo número de perigos. Há todo um psicologismo da sexualidade, todo um biologismo da sexualidade e, conseqüentemente, toda uma captura possível dessa sexualidade por médicos, por psicólogos, pelas instâncias da normalização. Não seria necessário, então, fazer valer, contra essa noção médico-biológico-naturalista da sexualidade, uma outra coisa? Os direitos do prazer, por exemplo? (FOUCAULT, 2015, p.4)

Ademais, faz-se importante ressaltar que a captura da sexualidade se dá em um apontamento histórico-político; não foram os homossexuais que escolheram e pensaram em si enquanto categoria ou parcela de indivíduos, isto é, em algum momento interessou o recorte homossexualidade para uma razão de controle dos corpos e das populações, e o que antes era atrelado a uma relação de liberdade do corpo e de corpos agora tem o seu comportamento ligado a um discurso que pretende normatizar o sexo a partir de uma valoração social de bom ou mau, lícito ou ilícito etc. Vale a pena na parte inicial deste texto apontar uma hipótese repressiva que rondou as questões da sexualidade e que Foucault virá a se contrapor em sua pesquisa. Segundo esta hipótese destacada, nossos corpos e comportamentos teriam sofrido um forte processo repressivo, atingindo sua maior virulência em meados do século XIX com a configuração da burguesia vitoriana. Nesta época, ainda por uma visada hipotética, a expressão da sexualidade teria sido confinada ao quarto de casal, um silenciamento sobre o sexo teria sido imposto, imperando a censura. Como comentam Dreyfus e Rabinow a este respeito: “o sexo transformou-se em desagradável e utilitário. Na família nuclear era praticado apenas para reprodução. A exclusão de todos os atos, discursos e desejos, que não estavam em conformidade com o código escrito, repressivo e hipócrita, vigorava rigorosamente” (DREYFUS, 2013, pp.169-170).

Outro aspecto em que se sustentou a hipótese repressiva foi a incompatibilidade entre o sexo e a energia disposta para vida capitalista, pois toda a libido sexual deveria estar concentrada na força produtiva. Sendo assim, constitui-se um imaginário de que a liberdade sexual, de expressão sobre a sexualidade, deveria ser a grande batalha a se travar contra um regime repressivo, pois a “liberação sexual e a ruína do capitalismo” passaram a se conciliar na mesma pauta política. (DREYFUS, 2013, p. 171). Diante desta lógica, falar sobre o sexo equivaleria a enfrentar os poderes estabelecidos.

Foucault ressalta então o efeito inverso da coibição advinda da hipótese repressiva, ou seja, no nível dos discursos e de seus domínios houve

como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício de poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias de poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (FOUCAULT, 2010, p.24)

Portanto, não esqueçamos, segunda a leitura foucaultiana o sentimento de repressão seria um artifício estratégico de uma rede de saberes e poderes, muito plausível, porém configurado e insuflado apenas em um contexto hipotético. A censura nunca quis encerrar ou apagar o sexo, muito pelo contrário, interditar nada mais é do que uma perspicácia do poder que num jogo de velar e desvelar provoca e movimenta a vontade de saber do sujeito. Não é que Foucault endosse que inexista aspectos repressivos em relação ao sexo, mas estes não são os mais determinantes para o controle dos modos de subjetivação. O que se consolidou a reboque da constituição desta atmosfera repressiva, nas palavras de Foucault, foi um “erotismo discursivo generalizado”(FOUCAULT, 2010, p.39), pois em toda parte proliferaram procedimentos que inflacionaram todo um arsenal de registro, questionamento, observação e falas em relação à sexualidade.

Neste contexto, o poder funcionaria não exclusivamente sob o registro da repressão, mas na liberdade de dizer a verdade sobre a sexualidade, tornando-se assim mais eficiente em suas sutilezas de controle; “não se fala menos do sexo, pelo contrário, fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vistas e para obter outros efeitos.” (FOUCAULT, 2010, p.30).

Ora, a partir da dimensão da sexualidade, o poder, em sua formulação de um bio-poder, passa a se articular a uma verdade que deve ser dita, examinada, perscrutada e alcançada. A rede funcional deste poder, que aproxima sexualidade e verdade, se destinaria por conseguinte ao governo e ordenamento das populações, cumprindo o fazer viver na intensificação de um conjunto de cuidados, de preocupações, de superinvestimentos em relação às questões do sexo. O fazer viver em questão está imbricado a uma configuração de poder que se vale da tecnologia que investe na vida biológica, surgindo uma nova espécie de racionalidade que se incumbe da questão da governamentalidade das populações ao custo de uma série de estratégias que incidem na

vida. “ De que modo o poder viria a exercer suas mais altas prerrogativas e causar a morte se o seu papel mais importante é o de garantir, sustentar, reforçar, multiplicar a vida e pô-la em ordem” (FOUCAULT, 2010, p. 148).

Sob a lógica do biopoder, os dispositivos de sexualidade, ligados a uma multiplicidade de saberes em um jogo de poder, nos colocam em um campo de proliferação discursiva das questões sexuais, bem como da intensificação das atenções referentes aos corpos em seu vigor, saúde, longevidade e desempenho. Segundo Foucault, um traço marcante do biopoder em articulação com a sexualidade, é que surgiu todo um repertório dramático de discussão, de escrita e de pensamento sobre o sexo sem precedentes na história. Uma espécie de “injunção polimorfa ao discurso” surge com os dispositivos da sexualidade, como consideram Dreyfus e Rabinow, “esse discurso colocou o sexo como uma pulsão tão poderosa e tão irracional que as formas dramáticas do autoexame individual e do controle coletivo tornaram-se um imperativo de modo a manter essas forças controladas” (DREYFUS, 2013, p. 222).

Faz-se importante destacar que Foucault não acredita que o anseio pela liberação sexual se isentaria totalmente de uma espécie de dominação que se dá na sociedade, no entanto, isso seria de difícil identificação, pois o controle acontece a partir das sutilezas do poder que nos constitui. Como pudemos ver no caso da hipótese repressiva, a repressão não é a forma predominante de dominação, embora haja elementos repressivos na sociedade, o controle se assentaria justamente na crença de que se resiste ao poder proferindo discursos sobre o sexo, reforçando-se com isso toda uma teia de saber/poder em que estamos enredados.

Foucault identifica que por volta da metade do século XVIII a sexualidade passa a se relacionar a um discurso diferenciado que se liga às práticas de poder, ou seja, há uma incitação técnica que cumpre fazer falar sobre o sexo correlata a uma ingerência administrativa ocupada do controle da vida da população, centrada “no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-lo variar” (FOUCAULT, 2010, p. 152). No entanto, se a ligação entre sexualidade e poder se estabelece nas questões da população, a partir do século XIX, haverá uma mudança marcante: a reformulação do discurso sobre a sexualidade em termos médicos, em que a partir daí houve o desencadeamento de discursos referentes ao sexo no registro de anomalias, desvios, enfermidades e processos patológicos.

É relevante grifar que Foucault faz uma diferenciação entre sexo e sexualidade. A questão do sexo ficaria resguardada a uma dimensão familiar, ligado às relações de aliança, sobretudo no decorrer do século XVIII, estabelecendo-se daí códigos sociais de conduta, permitindo ou proibindo determinadas ações no casamento, regras de procriação, transmissão de riqueza, propriedade e poder. Já com a sexualidade, há uma separação do sexo e da aliança, o tratamento da sexualidade passa a ser uma questão individual, referente aos prazeres privados e ocultos, às fantasias sexuais, aos excessos, passando a configurar a essência de uma identidade. Disso se empreende uma vontade de saber a verdade sobre a sexualidade que se impõe em nossa cultura ocidental, instigando-nos a falar a verdade em um quadro de confissões, surge uma tecnologia do eu capaz de extrair, com a ajuda de peritos, a verdade que se encontra em cada um;

Esse é um princípio fundamental, não somente nas ciências psiquiátricas e na medicina, como também na lei, na educação, no amor. A convicção de que a verdade pode ser descoberta através do exame da consciência e da confissão dos pensamentos e atos parece, agora, tão natural, tão constrangedora, realmente tão evidente, que pode parecer pouco razoável pressupor que tal exame seja um componente central em uma estratégia de poder. (DREYFUS, 2013, p. 230).

Neste sentido, a sexualidade, o excesso do tema trazido pelos meios de comunicação, permite fazer circular “verdades” que podem ter por objetivo efeitos de poder, já que de certa forma comunicar é um meio de se agir sobre os outros. A incitação a se falar sobre a sexualidade nos meios de comunicação, sua ênfase, vem a atingir as possibilidades em que os desejos se inscrevem nas condutas dos indivíduos, excitando, induzindo, desviando e, em algumas situações, facilitando e ampliando, noutras, dificultando e limitando. Ora, percebemos que no operar dos meios de comunicação há o incitamento de uma discursiva que gira no entorno das questões da sexualidade, afinal é uma questão de estratégia inerente ao próprio funcionamento do poder que estes discursos possam ser livremente apresentados. O jogo do poder necessita então de espaço para que os discursos possam proliferar e ir demarcando não apenas o comportamento como a opinião pública.

No tocante à questão da homossexualidade, com a expansão dos meios de comunicação de massa, podemos constatar que há todo um aparato discursivo que diz respeito aos modos de vivenciar a sexualidade; há publicações específicas para este segmento, no entanto, cabe grifar que os editoriais são mais direcionados a temas comportamentais do que políticos. Jornais e revistas passam a ver no público LGBT+

indivíduos com grande poder de consumo, os direitos que são pautados parecem responder a uma lógica dos bens de consumo e de padrões de comportamento, mesmo que ainda endossados no âmbito da heteronormatividade.

Ora, a manutenção da heteronormatividade não se daria pela exclusão do discurso sobre a homossexualidade, muito pelo contrário, o padrão heteronormativo engolfa a homossexualidade para apresentá-lo como uma forma exótica de sexualidade, um “estilo de vida” da minoria da população, reforçando a hegemonia da norma heterossexual. Desse modo, a heteronormatividade se impõe nos discursos da homossexualidade, reforçando um conjunto de normas e valores que reproduzem uma moral vigente em que se organizam os comportamentos sexuais.

A heteronormatividade é um conceito complexo, plural e atravessado por diversas questões como gênero, sexualidade, desigualdades sociais e étnico-raciais. Embora quase sempre associada à heterossexualidade, a heteronormatividade vai “além” dela e está relacionada às normas pelas quais nossa sociedade está organizada. Sendo assim, tudo que se opõe ou se diferencia dela é considerada “o outro”, como “desviante”. Nesse sentido, é interessante observar que mesmo para as tentativas de transgressão da heteronormatividade, ela é o modelo. Ou seja, a norma é importante, inclusive, como paradigma da sua própria transgressão. Desse modo, podemos dizer que a transgressão também é criada pela heteronormatividade. (DARDE, 2008, p. 45)

Ainda no cômputo dos discursos sobre a sexualidade, a discriminação sofrida por homossexuais pode ser entendida também como correlata da disputa de poder entre as relações de gênero e sexualidade. As “tipologias” da sexualidade estão assim ancoradas numa teia de saberes, são resultado de múltiplos discursos, símbolos, regras e representações. Dessa forma, as instituições sociais estão implicadas nessa produção, e a mídia, como uma instituição, não ficaria de fora deste jogo. Desta forma, o conceito de sexualidade em si contribuiria irremediavelmente para disputa entre os gêneros e a reprodução da desigualdade.

Um exemplo que pode ser discutido à luz de como os meios de comunicação corroboram com uma ordem discurso que enclausura os sujeitos em sua sexualidade é a cobertura midiática de vários episódios relacionados ao ex-deputado federal do PSOL Jean Wyllys. A figura de Jean se tornou desde sua entrada no Congresso nacional em 2010 uma figura pública encerrada em uma identidade sexual – o deputado gay. A homossexualidade nele deixa de ser um acontecimento e transforma-se em uma

categoria de sujeito e, desta forma, quaisquer que sejam as ações, práticas ou discursos desse sujeito haverá apenas ênfase em sua identidade sexual, logo, Jean se configura no cenário político brasileiro como o deputado que é homossexual.

Fica claro que no seu exercício parlamentar Jean se coloca como homossexual na medida que carrega um discurso específico de questões que interessam a um segmento em que também faz parte. Mesmo assim o que é intrigante na atuação da mídia frente a suas falas é o silenciamento de outras posições e questões políticas. Sua sexualidade capturada começa a ser razão de todo um direcionamento discursivo, a ele geralmente é concedido poder falar por razão de sua sexualidade. Em texto publicado no *El País*, em 20 de junho de 2016, a colunista Eliane Brum pensando o episódio em que Jean, na ocasião da votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) na Câmara dos Deputados em 17 de abril de 2016, cuspe em Jair Bolsonaro (PSC) depois que este parlamentar o agarra pelo braço e o chama de “veado”, “queima-rosca” e “boiola”, aponta-nos que o cuspe de Jean no deputado que axalta um torturador se dá na medida em que as palavras se esvaziam, subvertendo toda uma ordem normalizadora discursiva. O ataque a Jean veio em palavras que o encerraram e achincalharam em sua sexualidade.

Não parece ser despropositado que na entrevista *Saber Gay*, Foucault advenha com uma nova estratégia de tratar os enquadres da sexualidade, como por exemplo, demarcar as experiências, que muitas vezes escapam aos discursos da sexualidade, e trazidas fortuitamente no contexto dos prazeres, como o caso das saunas em que era um frequentador contumaz. As saunas, como destaca Jean Le Bitoux, seriam espaços propícios a experiências de outras formas de subjetividade, sendo uma experiência subversiva na medida em que

se é surpreendido na própria ideia que se tem de si mesmo por sua identificação sexual, pelas codificações que foram dadas ao prazer que se quis ter. Anônimo numa sauna se está livre para se despossuir disso também. Achando-se os outros na mesma situação, podem nos ocorrer coisas quanto a nossa própria relação a nós mesmos. Esse anonimato é subversivo. (FOUCAULT, 2015, p.21)

Foucault, parece procurar nesta entrevista, uma forma de escapar da captura dos discursos sobre a sexualidade, procurando colocar em destaque as intensidades do prazer que escapam a uma forma já pronta de ser sujeito, de ser gay, de assumir uma identidade homossexual. Todo o movimento do pensamento foucaultiano se dá na afirmação da não-identidade, parece ser eficientemente estratégico para ele ressaltar um

caráter dessexualizado da relação com a sexualidade, um paradoxo necessário e que desarticula um discurso de controle sobre o indivíduo e as populações. Na ênfase de experiências inauditas de prazer e do encontro entre corpos

É estrategicamente importante viver da forma mais explícita com alguém que se ama, trate-se de um jovem se se é jovem, de um homem adulto se se é um homem adulto, de um velho se se é um velho. É estrategicamente importante, quando se encontra um rapaz na rua, abraçá-lo e, eventualmente, fazer amor com ele, no meio de um bosque caso se tenha vontade. Da mesma maneira, digo que é importante que haja lugares como as saunas, onde, sem ficar preso, aprisionado na própria identidade, no próprio estado civil, no seu passado, no seu nome, no seu rosto etc., seja possível encontrar pessoas que estão lá e estão para você como você está para elas, nada além de corpos com os quais as combinações, as fabricações de prazer mais imprevisíveis são possíveis. Isso faz parte, em definitivo, de experiências eróticas importantes, e eu diria que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar desse jeito. (FOUCAULT, 2015, p. 20)

Compreender o prazer como vazio de significados prévios e uma abertura para novas formas éticas de relação, significa saltar sobre uma noção já constituída de sexualidade, de formas de vida previamente reguladas. A luta neste sentido, em um contexto ético-político, implica um posicionamento de vida dadas numa microfísica das relações entre um e outro, atitudes recalcitrantes, móveis, redesenhando formas inauditas de singularidades, perfurando toda uma armadura de uma ordem de discurso da captura do prazer em codificações da sexualidade.

Neste sentido, à guisa de conclusão, quanto aos meios de comunicação no que tratam da sexualidade, o pensamento de Foucault pode servir como uma reflexão do papel da comunicação em não apenas reproduzir discursos, mas dar espaços a novas narrativas que proporcionem não a mera informação, mas o despertar para modos de existência que resistam à tagarelice dos enquadres.

Referências

BRUM, Eliane. O golpe e os golpeados. El País Brasil, 2016. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html> Acesso em 15 de abr. 2019.

DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. Revista Em Questão, vol. 14. nº 2, 2008. <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4870>> Acesso em: 10 de abril de 2019.

DREYFUS, H. L.; HABINOW, P. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da Hermenêutica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010

_____. O saber gay. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. Revista Ecológica, n. 11, jan-abr, pp. 2-27.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís - MA – 30/05 a 01/06/2019
